



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People

iBbY

Notícias 9

Nº 9 Vol. 25 – Setembro de 2003

PNBE 2003 amplia o Literatura em minha casa

PNBE
O DIREITO DE LER LITERATURA

Foi com muita alegria que a FNLIJ viu confirmado, pelo Ministério da Educação, o programa *Literatura em minha casa* para 2003. E a satisfação foi ainda maior ao vê-lo ampliado para outra série e para a Educação de Jovens e Adultos. A necessidade de manter esse belo programa, que democratiza a oportunidade de ler literatura, tornou-se o tema do IV Seminário de Literatura Infantil e Juvenil da FNLIJ, durante o seu 4º Salão do Livro para Crianças e Jovens, realizado no Rio, em novembro de 2002. O título do Seminário, cujo relatório final foi entregue ao Ministro da Educação, no início do ano, foi “PNBE: O direito de ler literatura”.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) vai distribuir, em 2003, 8 milhões de coleções literárias, de 17 editoras, para 7 milhões de alunos da 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e formandos dos cursos de Educação de Jovens e Adultos, beneficiando mais de 126 mil escolas públicas. O orçamento para a execução do programa é de R\$ 44 milhões. As coleções, de uso e propriedade do estudante, são levadas para casa e compartilhadas com seus familiares, vizinhos e amigos. As escolas também receberão as coleções.

Para os alunos da 4ª série são dez coleções do *Literatura em minha casa* em cinco gêneros diferentes (poesia, conto, novela brasileira, clássico universal e peça teatral). Os estudantes da 8ª série também receberão dez coleções em quatro gêneros (poesia, crônica e conto, romance e peça teatral). Já os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA – ganharão, cada um, seis livros (ensaio ou reportagem, crônica e conto, prosa ou verso, poesia, peça teatral e biografia ou relato de viagens) dispostos em quatro coleções com o título “Palavra da Gente”.

Uma Comissão Técnica foi instituída pela Portaria n. 1.602, de 20/6/2003, do Gabinete do Ministro da Educação, tendo como membros o Presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), o Presidente da União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e Técnicos e especialistas na área de leitura, literatura e educação, ligados a diversos órgãos e instituições, como: Secretaria de Educação Fundamental (SEF/MEC); Unicamp; CEALE/FAE/UFMG; Centro de Cultura Luiz Freire; Ação Educativa; UERJ; Associação de Leitura do Brasil, entre outros. Foram avaliadas 102 coleções apresentadas por diversas editoras. Foram 42 para 4ª série; 33, para

a 8ª série; e 27 para a Educação de Jovens e Adultos. A avaliação das obras centrou-se na qualidade literária e gráfica das coleções; coerência; articulação e representatividade dos autores. Autores nacionais e estrangeiros estão presentes nas coleções, que pretendem ampliar a visão dos alunos e estimular o hábito da leitura dentro e fora da sala de aula.

O atendimento inédito aos alunos da Educação de Jovens e Adultos é um avanço qualitativo do programa, que, desde 1997, forma bibliotecas escolares e acervos de professores e alunos.

5 14º COLE discute o letramento no Brasil

Prêmio de Literatura para
Crianças **ASTRID LINDGREN** **10**

11 Daniel Munduruku ganha o
Prêmio Érico Vannucci do CNPq

INAUGURAÇÃO DO 5º SALÃO DO LIVRO



12

A valorização da leitura literária na escola

“Para poder ter e ler vários tipos de textos escritos com a frequência que ser leitor exige, é preciso ter poder aquisitivo para adquiri-los ou frequentar bibliotecas que possuam um bom e atualizado acervo. Sabemos o quanto é difícil para a maioria dos professores, alunos e famílias de nosso país ter a assinatura de um jornal diário ou de uma revista semanal, ou comprar livros de literatura, informativos e técnicos. Cabe, portanto, ao Estado, suprir essa falta, por meio da criação de bibliotecas públicas e da implementação de políticas de leitura. Cada vez mais o conhecimento se torna essencial para uma vida digna. Garantir o acesso aos bens culturais e aos livros é tão importante quanto garantir o acesso à saúde, à escola, à moradia e ao trabalho

Entre as ações governamentais voltadas para o incentivo às práticas leitoras, destaca-se o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, que se iniciou em 1997/98, distribuindo para 20.000 escolas públicas de 1ª a 8ª séries, com mais de quinhentos alunos, livros de literatura dos mais importantes autores brasileiros, além de enciclopédias, atlas, globos terrestres, mapas e dicionários. Esse acervo visava oferecer oportunidades de estudo e aperfeiçoamento aos professores, por meio de materiais escritos variados e de qualidade.

Em 1999, foi a vez do PNBE investir nos livros de literatura para crianças e jovens. O critério para distribuição desses acervos foi o de que as escolas públicas, de 1ª a 8ª séries, tivessem mais de 150 alunos. Os livros chegam às escolas, em uma caixa de papelão grosso, que se transformava em uma atraente casinha, aguçando a curiosidade dos alunos. Por isto, esse acervo é identificado, carinhosamente, como ‘os livros da casinha’. São 105 títulos selecionados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ e mais 4 títulos, que foram indicados pela Secretaria de Educação Especial, do MEC. Este acervo trouxe uma novidade: além da literatura brasileira, havia livros escritos por autores de outros países, em excelentes traduções.

O PNBE 2001 procurou ampliar a política de formação de leitores para além da escola, levando até a família a semente de uma biblioteca e a oportunidade de leitura

partilhada entre os seus membros, criando o *Literatura em minha casa*.

O programa *Literatura em minha casa* surge como uma ação totalmente inovadora. Até então, a escola distribuía livros didáticos, nunca literatura. Com o programa *Literatura em minha casa*, o MEC contribui, na prática, para a conscientização da importância da literatura na formação do leitor e do futuro profissional, bem como para o exercício da cidadania. Sendo leitores, crianças e jovens desfrutarão de melhores condições para desenvolver a sua capacidade de estudar e de refletir, para analisar a realidade em que vivem e nela interferirem para o seu bem, de sua família, de sua comunidade e de seu país.

Mas não basta distribuir acervos de livros de literatura de qualidade, como são os das coleções do *Literatura em minha casa*. Também é essencial que os professores conheçam os livros que estão na escola e motivem alunos, pais e pessoas da comunidade escolar para conhecê-los. É muito importante que os alunos e suas famílias identifiquem nos seus professores e no ambiente escolar a crença de que a leitura é um bem a ser desejado, apreendido, cultivado e mantido. Percebendo que os professores gostam de ler livros de literatura, as famílias vão valorizar esse tipo de leitura em casa, junto com seus filhos.

O *Literatura em minha casa* tornou-se, assim, um marco na política pública de

educação para formação de leitores ao unir escola e família, educação e cultura, por meio da arte literária.

O *Literatura em minha casa* visa levar à casa das crianças um outro tipo de atração cultural: livros de qualidade e com potencialidade para prender a atenção e o interesse das crianças, de maneira inteligente e simples.

O objetivo principal do programa *Literatura em minha casa* foi o de ampliar, para as crianças e suas famílias, as oportunidades de acesso à cultura, distribuindo coleções de livros de literatura como um presente muito especial. A propriedade desses livros passa a ser das crianças que devem aprender, na escola, como conservá-los incorporando-os como um bem a ser cuidado e como uma semente a dar mais frutos. A pequena coleção pode ser a semente de uma biblioteca familiar de que todos poderão desfrutar.

A literatura é para ser apropriada por todos. O texto literário tem uma característica diferente dos outros textos. Não é preciso ser um especialista para sentir as provocações que este tipo de texto causa em nós. A leitura literária abre e alimenta os diálogos mais interessantes.

Quando a escola pública assume que a leitura é a base para uma educação democrática e de qualidade, fica mais fácil expressar, reivindicar e justificar a necessidade de políticas de leitura e de formação de bibliotecas, bem como a manutenção de um programa tão significativo como o *Literatura em minha casa*.”

(Elizabeth Serra – comentários sobre o *Literatura em minha casa*, para o *Jornal Notícias/FNLIJ*)

SELEÇÃO PNBE 2003

4ª série: Coleções adquiridas: 4.218.576; Livros adquiridos: 21.092.880

8ª série: Coleções adquiridas: 3.394.960; Livros adquiridos: 13.579.840

EJA: Coleções adquiridas: 519.832; Livros adquiridos: 3.118.992

TOTAL: Coleções adquiridas: 8.133.368; Livros adquiridos: 37.791.712

VALOR DO PROGRAMA: R\$ 44 Milhões

4ª SÉRIE Editoras: Agir, Global, Martins Fontes, Melhoramentos, Moderna, Newtec, Nova Fronteira, Objetiva, Quinteto Editorial, Salamandra.

8ª SÉRIE Editoras: Ática, Bertrand Brasil, Companhia das Letrinhas/Editora Schwarcz, Companhia Editora Nacional, Global, José Olympio, Martins Fontes, Melhoramentos, Salamandra, Scipione

Educação de Jovens e Adultos – EJA (“Palavra da gente”) Editoras: Moderna, Newtec, Rocco, Scipione

Pesquisas revelam como está o desempenho dos alunos brasileiros em leitura

Para avaliar a situação atual do ensino no Brasil, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, do Ministério da Educação, realiza levantamentos estatísticos e avaliações, com o objetivo de acompanhar, planejar e desenvolver políticas mais eficazes para melhorar as condições de ensino. Os dados são coletados através do Sistema Nacional da Educação Básica (SAEB), implantado desde 1990.

Em 2001, o SAEB avaliou o desempenho em Língua Portuguesa e Matemática dos alunos brasileiros da 4ª e da 8ª série do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio, envolvendo 287.719 alunos, 11.737 turmas, 6.935 escolas, 21.754 professores e 6.820 diretores de escolas das redes estadual, municipal e particular em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal.

Os testes de Língua Portuguesa do SAEB foram estruturados sobre o foco **Leitura**, “levando em consideração que a Leitura é condição essencial para que o aluno possa compreender o mundo, os outros, suas próprias experiências.”

Nos testes elaborados pelo SAEB/2001, os resultados foram preocupantes, revelando que 59% dos alunos brasileiros da 4ª série do Ensino Fundamental não haviam desenvolvido competências elementares de leitura.

O desempenho em leitura dos estudantes brasileiros também foi avaliado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA, realizado no Brasil no ano de 2000.

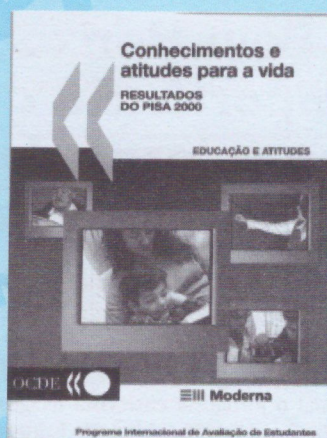
O programa consiste num esforço colaborativo entre os países-membros da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômicos) para medir até que ponto jovens de 15 anos – próximos, portanto, do final da escolaridade obrigatória – estão preparados para enfrentar os desafios do conhecimento das sociedades de hoje. O Programa foi aplicado em mais de 250 mil estudantes, representando cerca de 17 milhões de jovens de 15 anos matriculados nas escolas dos 32 países participantes – entre eles o Brasil, como país convidado.

O exame do PISA, no Brasil, foi coordenada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP/MEC. Foram avaliados 4.893 jovens com idade entre 15 e 16 anos. O PISA 2000 concentrou-se em letramento em leitura, procurando ava-

liar a capacidade dos jovens de compreender textos escritos, usá-los e refletir sobre eles de forma a alcançar objetivos próprios, desenvolver conhecimentos e o próprio potencial e participar ativamente da sociedade.

O Brasil foi o último colocado entre os países participantes da avaliação. Isso significa que a maioria dos nossos jovens são analfabetos funcionais, isto é, apesar de serem capazes de codificar as letras, as palavras, não compreendem o seu significado..

A avaliação do PISA sobre o letramento de leitura traz contribuições importantes no sentido de mostrar que o desenvolvimento da capacidade de ler é decisivo para a autonomia de qualquer indivíduo na nossa sociedade. Quanto mais for desenvolvida a habilidade leitora, mais aumentam as possibilidades de o indivíduo desenvolver a crítica e buscar soluções para seus problemas.



Para conhecer essas pesquisas, sugerimos que professores e demais interessados leiam estas obras, entre outras, e façam reuniões e estudos coletivos sobre os temas nelas abordados:

- *Conhecimentos e atitudes para a vida: resultados do PISA 2000 – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – OCDE.* São Paulo: Moderna, 2003.
- *Jornal do professor.* São Paulo: Moderna, 2002.
- *Letramento: um tema em três gêneros.* Magda Soares. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- E pesquisem os sites:
www.inep.gov.br/basica/saeb
www.inep.gov.br/internacional/pisa

As habilidades de leitura e escrita da população brasileira foram amplamente deba-

tidas no livro *Letramento no Brasil/reflexões a partir do INAF 2001*, que comentamos a seguir:

- *Letramento no Brasil/reflexões a partir do INAF 2001.* Vera Masagão Ribeiro (org.). São Paulo, Global, 2003.

O Instituto Paulo Montenegro – uma instituição que executa projetos na área de educação, criada pelo IBOPE – e a ONG Ação Educativa realizaram, em setembro de 2001, uma pesquisa nacional, utilizando uma amostra com 2 mil pessoas de 15 a 64 anos. As habilidades de leitura e escrita da população foram verificadas diretamente por meio da aplicação de um teste. Além disto, foram coletadas, em entrevista, detalhadas informações sobre os usos que as pessoas fazem das habilidades de leitura e escrita em diversos contextos.

Essa pesquisa, inédita no Brasil, teve como objetivo subsidiar a criação e manutenção do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF. A equipe do INAF conta com especialistas em pesquisa do IBOPE, educadores da Ação Educativa e consultores convidados.

As instituições envolvidas realizaram, em fevereiro de 2001, um seminário internacional sobre o tema, reunindo consultores estrangeiros, especialistas em pesquisa e lideranças dos campos da educação, cultura e comunicação, com o objetivo de discutir a relevância social e educacional desse projeto. A seguir, foi definida a metodologia de pesquisa e o desenvolvimento dos instrumentos. Os primeiros resultados do INAF divulgados na mídia, em dezembro de 2001, buscaram despertar o interesse do público sobre a temática do alfabetismo funcional e sua importância social, econômica e cultural.

No primeiro levantamento feito pelo INAF foram focalizadas a leitura e a escrita. No segundo, em 2002, conhecimentos matemáticos aplicados ao cotidiano. No terceiro, em 2003, pretende-se retomar o levantamento sobre leitura e escrita, de modo a estabelecer comparação com os dados do primeiro ano, e assim sucessivamente.

O livro recentemente publicado – *Letramento no Brasil/reflexões a partir do INAF 2001* – apresenta análises aprofundadas das informações coletadas na pesquisa do INAF de 2001.

O interesse social pelo tema

Os primeiros resultados do INAF 2001 e do INAF 2002 colocaram em pauta questões que dizem respeito à escola e a educação em nosso país: “O brasileiro sabe ler e escrever? Sabe matemática? O que os déficits educacionais da população representam em termos de exclusão social? A escola está conseguindo cumprir a função de garantir a todos os conhecimentos básicos necessários à inserção no mercado de trabalho e ao exercício da cidadania? A escola é a única responsável pela situação? Que outras condições são necessárias para que as pessoas de fato desenvolvam e aproveitem – ao longo da vida – as habilidades que supostamente adquirem na escola?”

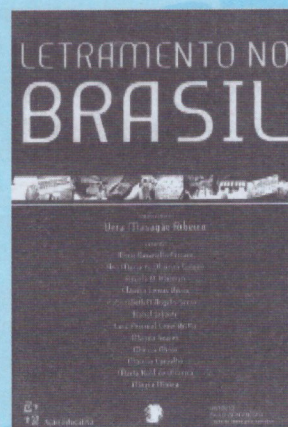
As respostas para essas e outras questões, na opinião de Vera Masagão Ribeiro,

organizadora da obra, podem ajudar a dar conteúdo a expressões às vezes vagas como “educação de qualidade” ou “democratização da educação e da cultura”. A pesquisadora, porém, acrescenta que essas “são questões nem sempre tão simples de responder, remetendo a problemas nada fáceis de resolver. Estamos, na verdade, tratando de aspectos centrais da cultura de um povo, dos instrumentos simbólicos de que esse povo dispõe para pensar, comunicar-se e agir sobre sua realidade. São aspectos centrais da cultura que, por isso mesmo, estão fortemente associados a um amplo leque de determinantes sociais e econômicos e são influenciados por valores e ideologias”.

As temáticas abordadas no livro foram agrupadas

em quatro partes: 1. **A sociedade leitora e as políticas de leitura.** Textos de Márcia Abreu, Luiz Percival Leme Britto; Elizabeth D’Angelo Serra; 2. **Letramento e educação.** Textos de Magda Soares e Isabel Infante; 3. **Trajetórias de leitores(as).** Textos de Ana Maria de Oliveira Galvão, Marta Kohl de Oliveira e Cláudia Lemos Vóvio; Marília Carvalho e Mayra Moura; **Problemas de pesquisa e avaliação.** Textos de Alceu Ravello Ferraro e Angela B. Kleiman.

O lançamento do livro ocorreu durante o 14º COLE, na 5ª feira de Leitura e Arte de Campinas, no estande da Ação Educativa, contando com a presença do Ministro da Educação Cristovam Buarque.



Livros para a África é o tema do 29º Congresso do IBBY

O 29º Congresso do IBBY será realizado na Cidade do Cabo, África do Sul, de 05 a 09 de setembro de 2004, tendo como tema Livros para a África. Estes são alguns dos subtemas das sessões paralelas, para apresentações em mesas-redondas, workshops ou posters:

- Textos em diferentes línguas – um caminho na direção de uma sociedade multilíngue?
- O impacto da tradição oral na literatura infantil contemporânea;
- A fantasia através do mundo. Como crianças de diferentes culturas respondem, por exemplo, ao fantástico e ao mágico?
- A necessidade e o interesse de leitura das crianças traumatizadas e órfãs pela guerra, fome e epidemia da Aids. Contar histórias pode ajudá-las?
- Qual é o verdadeiro significado de literatura “multicultural” em um mundo cada vez mais dividido?
- Violência, guerra e preconceito como temas nos livros infantis.

A revista Encontro, editada em Belo Horizonte, MG, destaca a importância do trabalho da FNLIJ na seleção de livros de literatura para crianças e jovens

A revista *Encontro*, publicada pela Encontro Importante Editora, de Belo Horizonte, MG, traz na sua edição de agosto um reportagem de João Pombo Barile, na qual o jornalista entrevista Magda Soares, professora da Faculdade de Educação da UFMG, e também outros professores e pesquisadores, sobre literatura infantil. O interesse pelo tema se deve ao crescimento bastante significativo das vendas de livros para essa faixa etária: “Os números falam por si. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL), em 2001 foram vendidos 20.680.000 exemplares de livros infantis. Em 2002, este número saltou para 79.550.000 (incluindo neste total os livros do PNBE/2003, do programa *Literatura em minha casa*). O gênero já representa 35% do mercado. O setor, que deve movimentar este ano 2,4 bilhões de reais, tem crescimento previsto de 20%”, destaca o autor da matéria.

Diante de tantos títulos, surge um questionamento importante para pais e professores: Como saber escolher um livro de qualidade? Esse é o foco da reportagem “Era uma vez uma dúvida”.

Magda Soares, com sua experiência de escritora, professora e pesquisadora, comenta: “O fator determinante é que a criança

goste do livro”, “É fundamental que a criança tenha prazer no que lê.” Ela ressalta, também, que as diferenças devem sempre ser levadas em conta, pois nenhuma criança é igual a outra e a individualidade deve ser respeitada.

Outras interessantes considerações são feitas pela professora Maria Antonieta Antunes Cunha, consultora da Secretaria de Estado de Educação/MG e do MEC e por Carla Caruso, pesquisadora da Biblioteca Monteiro Lobato, de São Paulo.

E a reportagem traz, em destaque, uma referência ao trabalho da FNLIJ:

“Altamente Recomendável: um selo de qualidade: Os pais também podem contar com o selo ‘Altamente Recomendável’ da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, na hora de escolher um título para seu filho. Espécie de controle de qualidade feito anualmente por especialistas da área, o selo premia, em várias categorias, o melhor da produção infanto-juvenil no país.” Para conhecer essa seleção, consultar o nosso site: www.fnlij.org.br

Para conhecer a reportagem completa, os interessados podem entrar em contato com a Editora da revista *Encontro*: www.revistaencontro.com.br

14º COLE discute o letramento no Brasil

De 22 a 25 de julho de 2003, a Associação de Leitura do Brasil – ALB, com o apoio institucional da Unicamp e da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, realizou o 14º Congresso de Leitura do Brasil – COLE.

Durante os quatro dias de conferências, o COLE possibilitou discutir as ações político-pedagógicas em curso em nosso país que envolvem a questão do letramento. Durante o evento, o professor e escritor Ezequiel Theodoro da Silva, criador da ALB, foi o grande homenageado, uma vez que neste ano o COLE comemora 25 anos.

As questões relativas ao letramento vêm sendo debatidas por meio de seminários temáticos, que envolvem diferentes áreas de Educação, desde a 10ª edição do COLE, realizada em 1997. Tal perspectiva permitiu a ampliação quantitativa e qualitativa da participação do público e alargou as fronteiras do debate, numa perspectiva transdisciplinar sobre a cultura escrita. Para os organizadores do evento, o letramento é algo característico da educação na sociedade da escrita e compreende não só as diferentes formas de educar como as de organizar o espaço público. As últimas reflexões sobre cultura escrita, letramento e educação postulam que a sociedade moderna está perpassada por eventos e situações em que o domínio e o exercício da leitura são necessários.

Além dos seminários, foram realizadas, em horário alternativo, diversas conferências, contribuindo para o debate geral com tópicos relativos à cultura escrita e à educação e possibilitando maior integração entre os seminários.

O 14º COLE teve 16 congressos simultâneos, cujo ponto de ligação foi o debate sobre cultura escrita, conhecimento e formas de participação social. Para a organização dos seminários, foram buscadas, como nos anos anteriores, parcerias com organizações representativas, como: a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, na área de literatura e leitura para crianças e jovens; a Associação de Professores de Língua e Literatura, na área de ensino de Português (articulado em torno da USP); a Ação Educativa, na área de Educação de Jovens e Adultos, e a Associação Nacional de Pesquisa em Graduação, na área de estudos sobre formação universitária. Além disso, foram estabelecidas parcerias com grupos de pesquisa constituídos em universidades importantes, como o GT de Alfabetização da ANPED, Laboratório de Ensino de Matemática do IMECC/UNICAMP, O GEPEC/FE/UNICAMP e o CEALE/UFMG.

Na conferência do dia 24 de julho sobre o “PNBE / Literatura em minha casa”, as avaliações e proposições foram discutidas por Nabiha Gebrin, que, representando o MEC, prestou informações e apresentou o conceito do projeto, e por Luiz Percival Britto e Maria Antonieta Cunha.

Luiz Percival, como coordenador da mesa, comentou que as diferenças de opinião entre ele e Maria Antonieta possibilitavam uma melhor discussão sobre o citado programa do MEC.

Em sua fala, Percival Britto ressaltou a importância da FNLIJ no contexto de avaliação e seleção de livros de literatura para crianças e jovens.

O programa *Literatura em minha casa* despertou grande interesse entre os presen-

tes e, devido ao pouco tempo disponível para discuti-lo no auditório, um grupo se deslocou para uma sala menor, para continuar os debates. Desta discussão resultou um documento que foi lido e aprovado na Assembléia do COLE e que publicamos neste *Notícias*.

Em 25 de julho, o professor Ezequiel Theodoro da Silva, da Unicamp, apresentou a Conferência de encerramento do 14º COLE. Antes da conferência, foi prestada uma bela e emocionante homenagem ao professor Ezequiel, quando, em uma grande tela, foram mostradas imagens de todos os COLEs. E as imagens do querido educador Paulo Freire, convidado de honra do 1º COLE, provocaram muita emoção entre os presentes.

IV Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens (FNLIJ)

Coordenação: Elizabeth D'Angelo Serra

Tema: A literatura na escola

“As coisas, que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.” – Carlos Drummond de Andrade

O IV Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens, organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil para o 14º COLE, teve como objetivo refletir a respeito de como a literatura está sendo tratada e considerada na escola brasileira.

A partir do tema geral do 14º COLE – “As coisas, que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase”, a FNLIJ dirigiu o foco do Seminário sobre literatura para crianças e jovens e também para a escola que atende às crianças e forma professores.

A Conferência de abertura do IV Seminário, no dia 22 de julho, foi feita pelo escritor Bartolomeu Campos Queirós, que falou sobre o tema “A literatura na escola é tratada com ênfase?”.

Com sua fala poética – e ao mesmo tempo lúcida e esclarecedora – Bartolomeu trouxe para a discussão este tema tão significativo para os professores que participavam do Seminário e para os educadores em geral.

As Sessões de Comunicações do IV Seminário aconteceram nos dias 22, 23 e 24 de julho. Foram inscritas 81 comunicações isoladas e 17 comunicações coordenadas,

um número bem expressivo, que confirma a representatividade deste evento para os pesquisadores, professores e demais profissionais envolvidos com as questões relativas à literatura e à educação em nosso país.

A palestra “Recorte histórico sobre a formação do leitor de literatura”, apresentada pela escritora Nilma Lacerda no dia 23 de julho, trouxe uma interessante abordagem a respeito deste assunto. Cynthia Rodrigues, do PROLER, também apresentou uma palestra sobre este tema, com um enfoque abrangente e esclarecedor.

No dia 24 de julho, a professora Maria Antonieta Cunha falou sobre “A literatura e a formação do professor”. A seguir, este tema foi também debatido numa mesa-redonda, com a participação de Maria das Graças Monteiro, da UFG, Jane Paiva, da UERJ, e Laura Sandroni, da FNLIJ.

No quarto e último dia do Seminário, Marisa Borba apresentou a palestra “Programas de incentivo à leitura literária por meio da escola”, seguida de uma mesa-redonda sobre essa mesma temática, da qual participaram Maria José Nóbrega, Maraney Freire e Elizabeth Serra (FNLIJ).

O compromisso da FNLIJ com a formação do professor

A escritora Laura Sandroni, uma das fundadoras e atual membro do Conselho Diretor da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em sua palestra durante o IV Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens, no 14º COLE, ressaltou a importância do papel do professor na formação de futuros leitores. A FNLIJ sempre se preocupou com o aperfeiçoamento do professor e com seu conhecimento sobre a literatura destinada a crianças e jovens, procurando publicar textos informativos e realizar mesas-redondas em escolas, bibliotecas ou universidades com este objetivo. Laura Sandroni rememora o trabalho pioneiro de diversos especialistas em leitura e literatura para crianças e jovens, realizado ao longo dessas três décadas, citando entre eles o professor Ezequiel Theodoro da Silva, criador da Associação de Leitura do Brasil, homenageado no 14º COLE.

A literatura infantil e a formação do professor

Laura Sandroni

Se a formação do professor, tendo em vista a sua responsabilidade como formador do futuro leitor, foi uma preocupação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil desde sua criação. A coleção de 69 edições do *Boletim Informativo*, publicadas trimestralmente de 1969 a 1984, comprova abundantemente essa preocupação, oferecendo a cada novo número artigos que abordavam diferentes aspectos teóricos ou práticos, visando ao aperfeiçoamento do professor em seu conhecimento sobre a literatura destinada a crianças e jovens. Outra forma pioneira de aproximação foi a realização de mesas-redondas em escolas, bibliotecas ou universidades, nas quais o tema era debatido, a cada vez, por um número maior de interessados.

Em 1972, a Câmara Brasileira de Livro solicitou à Fundação que organizasse um seminário de Literatura Infantil e Juvenil, no âmbito da “2ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo”, o que foi feito com grande entusiasmo, contando, pela primeira vez, com a participação de grandes nomes do cenário internacional especialistas na área. Tivemos, por exemplo, a presença de Marc Soriano, professor de Língua e Literatura Francesa da Sorbonne, da espanhola Carmen Bravo-Villasante, estudiosa de História da Literatura em seu país, e da bibliotecária americana Anne Pellowsky, professora do curso de pós-graduação em Biblioteconomia na Universidade de Columbia, em Nova York.

O público, formado principalmente por professores, bibliotecários e estudantes universitários, ultrapassou todas as expectativas, lotando o auditório do Ibirapuera, onde então se realizava a Bienal. E até 1978,

quando fizemos o 1º Seminário Latino-Americano, a FNLIJ esteve presente na coordenação formada por Maria Antonieta Cunha, Edmir Perrotti e eu, grupo que logo passou a incluir Lucia Sampaio Góes. Nesses seminários, começaram a despontar nossos teóricos mais conhecidos, como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e tantos outros, além dos já citados.

Não posso deixar de lembrar também o 14º Congresso do IBBY, que em outubro de 1974 realizou-se, pela primeira vez fora da Europa, no Rio de Janeiro, sob a total responsabilidade da Fundação, com o tema “O livro como instrumento de formação e desenvolvimento de crianças e jovens”. Este Congresso foi o marco inicial de uma aproximação latino-americana na área da literatura para crianças e jovens, que desde então só tem feito expandir-se, num claro benefício para todos os países da região.

A cada um desses Seminários, Congressos e Encontros eram redigidos documentos às autoridades responsáveis pelo ensino no Brasil e nos demais países latino-americanos, instando-os a considerar a hipótese de incluir a literatura infantil e juvenil nos cursos de formação do magistério, e nos cursos universitários de Letras, Comunicação, Educação e Psicologia.

Em 1978, quando planejávamos os eventos que realizaríamos no ano seguinte, decretado pela UNESCO como “Ano Internacional da Criança”, decidimos propor à Faculdade de Educação da UFRJ a realização de um “1º Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil”, em carta datada de dezembro de 1978. O Projeto foi aprovado em fevereiro

de 1980, para realização em julho do mesmo ano, com recursos do FNDE.

A Comissão Organizadora, composta por professores da Faculdade de Educação, entre eles a nossa saudosa Francisca Nóbrega, e membros da FNLIJ, estabeleceu contato por carta com os professores com os quais a Fundação já se relacionava e convidou as demais universidades do país a enviarem representantes.

O encontro objetivava uma troca de experiências entre estes professores nas suas diversas áreas de trabalho, com o intuito de fixar alguns pontos básicos, que seriam enviados ao Conselho Federal de Educação, fundamentando o pedido de que a disciplina literatura infantil e juvenil fosse incluída nos currículos de Educação, Letras, Comunicação, Biblioteconomia, Psicologia e demais áreas interessadas. Visava, ainda, refletir criticamente sobre a produção brasileira de livros para crianças e jovens, bem como sobre a função de uma crítica especializada.

Vários nomes que já despontavam em seus estados abrilhantaram o Encontro, além dos já citados. Entre eles o grupo do Rio Grande do Sul, formado por Ana Maria Filipouski, Maria Helena Martins e Vera Teixeira Aguiar; de Minas Gerais, por Vânia Resende; do Rio de Janeiro, por Eliana Yunes, Eliane Ganem e Glória Pondé. E um recém-doutor e professor da UNICAMP, chamado Ezequiel Theodoro da Silva, que sabia tudo sobre leitura e nada conhecia, à época, de literatura infantil e que pouco depois fundava a Associação de Leitura do Brasil, que realiza este já tradicional Congresso de Leitura. Entre as diversas falas talvez tenha sido a de Nelly Novaes Coelho a que melhor sintetizou o momento de renovação pelo qual passava a literatura brasileira destinada a crianças e jovens. Intitulou-a “A Literatura Infantil – abertura para a formação de uma nova mentalidade”. Constatando a impor-

tância que a literatura pode desempenhar para os seres em formação, ela procura destacar os novos valores presentes nas obras publicadas na década de 70 e os valores tradicionais que elas começavam a questionar. Assim, contrapôs o individualismo e suas verdades absolutas ao espírito comunitário, que vê o indivíduo como parte integrante de um todo abrangente; a crença indiscutível no poder e o saber da autoridade (quase sempre representada pelo masculino), ao espírito aberto que se quer livre para descobrir todos os possíveis aspectos da realidade em constante transformação; a moral dogmática, de base religiosa ao estímulo à capacidade de pensar, de conhecer e compreender a realidade, ainda que rodeada de mistérios, que a lógica não consegue explicar; a sociedade de classes, que valoriza os privilegiados que não precisam exercer o trabalho remunerado, contrapondo-se ao trabalho visto como meio de realização do homem; a linguagem literária convencional, imutável, autoridade indiscutível, ao contrário daquela consciente de que todo e qualquer experimentalismo é permitido, e que não se deixa tolher por nenhuma convenção. E, por fim, a visão da criança como “adulto em miniatura” cujo período de imaturidade deve ser encurtado em oposição à mesma criança vista como “um ser em formação”, cuja realização futura depende fundamentalmente da educação e da orientação que lhe for dada.

No documento enviado ao Conselho Federal de Educação dizíamos o seguinte:

“Encarecemos a urgência da inserção de disciplina que forme profissionais eficientes em Literatura Infantil e Juvenil nos currículos das Escolas Normais e dos cursos de Letras, de Educação, Comunicação, Psicologia, Biblioteconomia e demais escolas envolvidas na formação de professores de 1º e 2º grau, em nível de graduação e pós-graduação.

Estamos convictos da necessidade da inserção da matéria nos programas desses cursos superiores, na medida em que acreditamos que a literatura adquire sua verdadeira dimensão quando se converte em meio de cultura e forma de humanização. Nesse momento, transforma-se em importante dado do processo educacional e social, permitindo a integração do indivíduo no universo do conhecimento e da cultura, ao mesmo tempo em que lhe confere uma visão de mundo com a qual pode polemizar.”

E quase ao fim do documento lembrávamos:

“A justificativa que legitima a inclusão da literatura infantil e juvenil enquanto disciplina nos currículos de 3º grau decorre da

validade inerente ao fenômeno literário. Resaltamos, ainda, que sua finalidade última é o desenvolvimento do interesse pela leitura, atividade que fundamenta e determina a expansão do gosto pela literatura e a integração do leitor no universo cultural. Assim, a escola se insere no esforço rumo à formação de um leitor crítico e atuante. Pois, embora se saiba que a escola não é o único agente do trabalho formativo de interesse pela leitura lúdica, crítica e transformadora, ainda cabe a ela a maior parte dessa tarefa.”

Além dos 20 professores que participaram do Encontro foram convidados críticos atuantes que integraram uma interessante mesa-redonda sobre o tema. Um deles, Antonio Hohlfeldt, hoje vice-governador do Rio Grande do Sul, que antes de ingressar na política exercia a crítica e interessava-se muito pela literatura destinada a jovens, chegando a escrever alguns livros bastante interessantes.

Foi desta mesa que participei, pois desde 1975 tinha uma coluna semanal sobre livros infantis e juvenis no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro (essas crônicas foram publicadas pela editora Moderna, em 2003). Relendo os Anais do Encontro, reencontrei o texto que redigi naquela ocasião e que assinaria hoje sem qualquer modificação. Intitulava-se “Critérios para a análise crítica de livros infanto-juvenis” e dizia o seguinte:

“Não tendo tido uma formação específica em Letras, cheguei à Literatura Infantil pelo contato com a produção brasileira e toda a gama de problemas que ela apresenta, através do trabalho que desenvolvo na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Decidi-me a correr o risco de emitir opiniões críticas veiculadas por um jornal de grande circulação, por constatar a necessidade desse tipo de informação orientadora, até então inexistente no Rio de Janeiro, e por imaginar que o bom senso e as lições aprendidas na leitura de textos literários poderiam substituir as teorias desconhecidas.

No decorrer destes cinco anos de um trabalho contínuo de exame dos livros publicados, senti, é verdade, a necessidade de apoio teórico. E para isso voltei aos bancos da Faculdade num Mestrado em Literatura Brasileira. Mas, de certa forma, me parece que foi muito bom que essa necessidade de conhecimento da teoria tenha vindo como decorrência de uma prática e não o inverso. Isto porque, ao mergulhar num texto, deixo-me levar pela intuição numa primeira leitura, sem métodos de análise definidos, para somente depois contemplar os diversos problemas que o texto propõe.

A qualidade literária é, certamente, a primeira de minhas indagações. Mas não deixo de me colocar outras, que decorrem de considerações extraliterárias, mas nem por isso menos importantes, a meu ver, já que no caso trata-se de obras destinadas a um público específico, dentro de uma faixa etária previamente definida. Isso está explicitado pela própria forma gráfica do livro infantil, que contém outros elementos além do texto, quais sejam a ilustração e uma diagramação especial. Penso, portanto, na adequação desse texto à faixa de idade à qual foi destinado, seja por seu autor, seja pelo editor. Verifico a maior ou menor dificuldade de vocabulário e da trama, o tamanho do tipo empregado, o feitiço do objeto livro, o papel utilizado, a qualidade da ilustração. Todos esses aspectos, me parece, devem ser levados em conta nos livros para crianças e jovens.

E essas considerações, procuro fazê-las de maneira acessível ao público leitor ao qual me dirijo. Num jornal que pretende atingir a mulher, mãe ou professora de primeiro grau, e no espaço que me é concedido, busco a clareza e a concisão necessárias para dar um recado direto, sem uso de jargão sofisticado que me poderia render aplausos de uma pequena elite mas que seria um erro imperdoável, considerando-se o público ao qual me dirijo.

Procuro, portanto, nesse trabalho que melhor se denomina resenha que crítica, primeiro informar objetivamente sobre os aspectos do livro examinado e, em seguida, dar a minha opinião que baseio sempre nos valores que acredito são aqueles adequados a uma literatura feita hoje, por autores que vivem a realidade brasileira, para crianças que nela estão inevitavelmente inseridas, quer queiramos ou não. Esses pontos seriam: criação em nível de linguagem sem perda do coloquial, trama que possibilite a reflexão, que se queira clarificadora e questionadora e que assim se realize, diagramação e impressão cuidadas, que mostrem respeito ao leitor, ao mesmo tempo em que facilitem sua aproximação do livro, ilustração de qualidade artística, criativa e que reinterprete o texto numa leitura diferente e não necessariamente complementar.

E como último requisito: que esse livro produzido especialmente para crianças ou jovens tenha a virtude da esperança. Não aquela “esperança” rançosa e piegas que leva ao conformismo e à submissão, mas a Esperança em seu sentido mais profundo que instaura a certeza do poder ser e que, sem dar fórmulas prontas, abre caminhos.”

IV Seminário sobre Bibliotecas, no 14º Congresso de Leitura do Brasil

A convite da Associação de Leitura do Brasil, Elizabeth Serra, diretora do Departamento Geral de Bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro, apresentou a palestra “A Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro e os seus 130 anos”, no dia 23 de julho, como parte das atividades do IV Seminário sobre Bibliotecas, no 14º COLE.

O tema foi também debatido pela bibliotecária Maria das Graças Monteiro de Castro, votante da FNLIJ.

14º COLE aprova, em Assembléia, o documento “Programa Nacional Biblioteca na Escola/ Literatura em minha casa: avaliação e proposições”

“A conferência realizada no 14º Cole, em Campinas, no dia 24/julho/2002 *Programa Nacional Biblioteca na Escola/Literatura em minha casa: avaliação e proposições* reuniu bibliotecários, pesquisadores, professores, escritores, ilustradores, editores, entidades (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Associação de Leitura do Brasil, Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil) para um debate analisando o PNBE, em particular o programa “Leitura em minha casa”, numa perspectiva de contribuir para políticas que garantam uma educação de qualidade para todos os brasileiros compreendendo o acesso democrático aos bens culturais e científicos produzidos pela humanidade.

Essa discussão gerou algumas proposições que representam um consenso entre os diversos segmentos comprometidos com a leitura e a escrita. Acreditando na evolução das discussões e que compete ao Estado o financiamento da cultura, contemplando a diversidade e a qualidade, apresentamos a proposta.

1. Execução de uma política nacional de leitura que crie um sistema de bibliotecas escolares e fortaleça o sistema de bibliotecas públicas de maneira integrada.
2. Formulação de ações que garantam parcerias entre estados, municípios e governo federal para execução dessa política.
3. Garantia de uma política de formação continuada para professores, bibliotecários e profissionais afins, destacando a necessidade de formação específica na área pública e escolar para os profissionais da informação.
4. Ampliação do debate público das estratégias de implementação dos programas de leitura do MEC, por meio de um seminário nacional envolvendo o Ministério da Cultura e o PROLER.
5. Manutenção e ampliação dos programas “Literatura em minha casa” e “Palavra da gente”.
6. Distribuição das coleções dos programas “Literatura em minha casa” e “Palavra da gente” para os professores e bibliotecas públicas.
7. Considerar o documento elaborado pela Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil sobre as políticas do MEC de produção de material para a Educação de Jovens e Adultos.

Ação Educativa; APLL; ANPGL; CEALE/UFMG; FE-Unicamp; FNLIJ; Grupo de Estudos de Alfabetização da ANPED; GEPEC/FE/Unicamp; Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp; Centro de Linguagem e Comunicação - PUC/Comp.; SME/Campinas

Professor Ezequiel Theodoro da Silva, idealizador do COLE, lança os livros da Trilogia Pedagógica

Após a Conferência de encerramento do 14º COLE, no qual foi homenageado por ter sido o criador da Associação de Leitura do Brasil, o professor Ezequiel Theodoro da Silva participou de uma sessão de autógrafos dos livros da *Trilogia Pedagógica: Unidades de leitura; Conferências sobre Leitura e Leitura em curso*, editados pela Ed. Autores Associados, de Campinas. Para maiores informações sobre esses lançamentos, os interessados podem consultar o site: www.autoresassociados.com.br

V Feira de Leitura e Arte de Campinas

A Feira de Leitura e Arte de Campinas, promovida pela Unicamp, é realizada simultaneamente ao COLE desde 1995, reunindo editores de todo o Brasil, com uma variada oferta de obras especializadas em educação, literatura, arte e de interesse geral.

Em 2003, a V Feira de Leitura e Arte de Campinas possibilitou ao público de Campinas e da região e aos participantes do 14º COLE o acesso a uma grande variedade de livros, CDs, peças de arte e artesanato. Além disso, estimulou o intercâmbio entre editores, livreiros e autores e promoveu encontros com escritores, oficinas culturais e apresentação de artista da região.

FNLIJ e ALB recebem, durante o 14º COLE, solicitações de escolas indígenas que desejam receber livros de literatura para crianças e jovens

A FNLIJ recebeu a solicitação da Coordenadora do Núcleo de Cultura e Educação Indígena da ALB, Juracilda Veiga, e dos educadores participantes do V Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas para doar livros de literatura infantil e juvenil da Fundação para compor as bibliotecas das escolas indígenas, que estão em processo de criação.

A solicitação foi encaminhada pela Associação de Leitura do Brasil durante o 14º COLE. O grupo procurou a secretária geral da FNLIJ para entregar o pedido, momento que ficou registrado em foto.

A FNLIJ vai atender a essas Escolas indígenas de diferentes regiões de nosso país, e a ALB vai providenciar o envio dos livros pelo Correio:

- Escola Municipal Indígena Guarani Nhembo E' A' Porã – Bertioga – SP
- Organização Geral dos Professores Ticuna-Bilíngües OGPTB - Benjamin Constant – AM
- Escola Municipal de Ensino Básico Etenhiritipá – Água Boa – MT
- Meiau – Movimento dos estudantes indígenas do estado do Amazonas – Santa Luzia – AM
- Potiguara da Paraíba – João Pessoa – PB
- Urihi Saúde Educação Yanomami – Boa Vista – RR
- Zélia Dalva Foreche Giovanri – Aracruz – ES
- Projeto Yáfi – Artesanato
- Curso Normal Experimental de Formação de professores indígenas bilíngües Kaingang e Guarani
- Aldeia Indígena de Votouro – Núcleo de Votouro. Município de Benjamin Constant do Sul – RS
- Aldeia Indígena de Guarita – Núcleo de Estiva. Município de Redentora- RS

No 14º COLE, por solicitação da ALB, Elizabeth Serra recebe de educadores participantes do V Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas o pedido de doação de livros de literatura infantil e juvenil, que fazem parte do acervo da FNLIJ, para compor as bibliotecas das escolas indígenas, que estão em processo de criação.



A Associação de Leitura do Brasil comemora 25 anos do COLE com o livro *Leitura: um cons/certo*

“Em 1978, o Brasil sonhava com tempos de uma sociedade democrática, lutava pelas eleições diretas, mobilizava-se em torno da anistia dos exilados, vivia momentos intensos de fortalecimento de alguns setores sociais, como o dos trabalhadores.

Numa crítica, ao mesmo tempo velada e explícita, sob inspiração dialético-marxista, de-

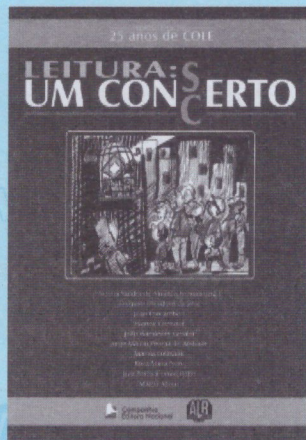
nunciava sua frustração com o “milagre brasileiro” e o crescimento econômico, com o achatamento salarial, com a concentração de riqueza, com as desigualdades sociais. (...)

Em Campinas (SP), neste mesmo ano de 78, um pequeno grupo de pesquisadores e professores universitários arquitetavam o I Congresso de Leitura do Brasil – COLE, impulsionado

pela vontade, até então sufocada de dar “voz e vez” a conhecimentos que já vinham sendo produzidos na área da educação e da leitura e a uma crítica amadurecida durante os vinte anos de ditadura militar vinda de boa parcela de educadores da esquerda.”

(*Leitura: um cons/certo*. Norma Sandra de Almeida Ferreira (org.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.)

Como forma de comemorar os 25 anos do Congresso de Leitura – COLE, os organizadores do evento publicaram uma edição especial: *Leitura: um cons/certo*. O livro foi organizado por Norma Sandra de Almeida Ferreira e presta também uma homenagem ao Prof. Ezequiel Theodoro da Silva, principal idealizador do Congresso e importante batalhador para a criação da Associação de Leitura do Brasil. Com textos de vários autores, a Coletânea não é fruto de uma mesa-redonda ou de palestra proferida em seminários e congressos, nem ainda produto da investigação de um grupo de pesquisa sobre um determinado tema ou uma área de conhecimento. A publicação reúne reflexões de pessoas que de alguma forma estiveram neste e em outros COLEs e que vêm atuando em



diversos contextos de pesquisa sobre questões ligadas à leitura, à educação e à cultura.

Segundo explica a organizadora, no texto da apresentação: “A composição deste livro, como a própria história do COLE, busca traduzir diferentes preocupações, desejos, interesses que vêm impulsionando estudos, fortalecendo debates para a compreensão e percepção dos problemas de nossa contemporaneidade. Na dispersão e na multiplicidade de enfoques, de perspectivas, de vieses teóricos e metodológicos, de estilos dos próprios autores, de temas, ele quer oferecer um conjunto de textos que fala sobre o encontro dos autores com livros, com outros leitores, com formas de ler e escrever, de incluir e excluir gestos, olhares, objetos, pessoas”.

Notícias / Acontece

Seleção anual da FNLIJ

Já foram reiniciados os trabalhos da Seleção Anual da FNLIJ, relativos à produção editorial de 2003. A primeira reunião ocorreu em 25/8, e o grupo de votantes esteve presente. Aguardem em breve mais informações sobre o Prêmio FNLIJ/2003!

Vem aí o Jogo do Livro V – Democratizando a leitura

Organizado pelo Grupo de Pesquisa do Letramento Literário – GPELL; pela Faculdade de Educação – FAE e pelo CEALE, da Universidade Federal de Minas Gerais, o Jogo do Livro V – democratizando a leitura acontecerá de 12 a 14 de novembro, na Faculdade de Educação da UFMG, com a participação de diversos profissionais ligados à leitura, à pesquisa e à produção de livros. Magda Soares fará a Conferência de abertura, no dia 12/11, falando sobre *Leitura e Democracia Cultural*. Para informações e inscrições: Tel.: (31) 3499 53 33. www.fae.ufmg.br/ceale e-mail: ceale@fae.ufmg.br

Atenção ilustradores!

As inscrições para participar do salão para a Exposição de Ilustrações da Feira de Bolonha/Itália, em 2004 já estão abertas e podem ser feitas até dia 15 de novembro de 2003. Procure o regulamento no site: www.bookfair.bolognafiere.it

8º Concurso FNLIJ – “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil”

Já começaram a ser avaliados os projetos inscritos no 8º Concurso FNLIJ – “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil”, que visa conhecer, valorizar, divulgar e premiar iniciativas de promoção da leitura junto a crianças e jovens realizadas em território nacional, que reúnam ações sistêmicas e um acervo mínimo de livros.

Conheça mais sobre o concurso consultando a página da FNLIJ: www.fnlij.org.br

II CONCURSO LEIA COMIGO

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil tem enfatizado em seus projetos, campanhas e publicações a importância da leitura compartilhada do adulto com a criança e o jovem. Além de desenvolver ações voltadas para a escola, a biblioteca e outros espaços sociais, a FNLIJ busca incentivar nas famílias o interesse pela leitura, acreditando que o adulto é, efetivamente, o mediador desse interesse da criança e do jovem pelos livros. Como parte integrante dessas ações, a FNLIJ criou a campanha *Leia comigo!*, lançada em 2001 e o I Concurso *Leia Comigo*, em 2002.

O sucesso da 1ª versão do Concurso incentivou-nos a dar continuidade a essa iniciativa, lançando o II Concurso *Leia Comigo*.

Envie-nos seus relatos de experiências sobre este tema! Veja o regulamento para participar na página da FNLIJ: www.fnlij.org.br

Endereço: FNLIJ - Rua da Imprensa, 16 – sala 1215 CEP: 20030-120 – Rio de Janeiro – RJ

O país do Prêmio Nobel cria o Prêmio de Literatura para Crianças ASTRID LINDGREN

O Governo da Suécia criou, em 2002, o Prêmio de Literatura em memória de Astrid Lindgren.

A escritora Astrid Lindgren (1908 – 2002), que foi a vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY, em 1958, morreu no dia 28 de janeiro, em Estocolmo, aos 94 anos. Autora de mais de 80 livros, traduzidos para 70 idiomas, Astrid Lindgren tornou-se conhecida mundialmente como a criadora de *Pippi Meialonga*. No Brasil, seus livros foram publicados pela Ediouro e começaram a ser reeditados em 2001 pela Companhia das Letrinhas, traduzidos diretamente da edição sueca.

Astrid Lindgren escreveu mais de 30 livros e peças de teatro, que foram trans-

formados em filmes, séries de TV e desenhos animados. Seus editores calculam que ela vendeu mais de 100 milhões de livros em 55 idiomas.

Além de escritora, Astrid Lindgren procurava refletir e formular opiniões sobre educação, a política e a economia da Suécia, tendo sido eleita, em 1999, “a grande personalidade do país no século 20”.

O prêmio, instituído em sua homenagem, visa valorizar o trabalho de escritores e ilustradores de livros de literatura para crianças e jovens de todo o mundo. O júri pretende premiar autores de literatura para crianças e jovens que, como Astrid Lindgren, tenham se distinguido não só por suas qualidades artísticas, mas também por seu espírito humanitário.



A primeira edição do Prêmio ocorreu em 2003, tendo sido vencedores: a escritora Christine Nöstlingler, da Áustria, e o ilustrador Maurice Sendak, dos EUA. A cerimônia de premiação aconteceu em Estocolmo, em junho deste ano. Na ocasião, Elizabeth Serra, da FNLIJ, foi convidada para fazer uma palestra sobre Projetos de Promoção de Leitura para as crianças do Brasil. Falou, entre outros temas, sobre as diversas ações do Governo Federal de distribuição de livros de literatura para as escolas públicas, em particular sobre o *Literatura em minha casa* e sobre o projeto das Bibliotecas “Ler é preciso”, uma parceria entre a FNLIJ e a Cia. Suzano de Papel e Celulose/Instituto Ecofuturo.

A conferência foi organizada pela seção sueca do IBBY e por essas instituições: “Save the child”; International Library e Public Library, ambas de Estocolmo. E contou também com o apoio do National Council of Cultural Affairs e do Swedish Institute, da Suécia.

Prêmio Astrid Lindgren 2004

A cada ano, serão escolhidos um(a) escritor(a) e um(a) ilustrador(a). Os vencedores recebem, juntos, 580 mil dólares. Trata-se da maior premiação em dinheiro já oferecida nesta categoria. Os candidatos serão indicados por organizações e instituições voltadas para o trabalho com a pro-

moção da leitura e da literatura infantil e juvenil em diferentes países.

Para o ano de 2004, o Governo da

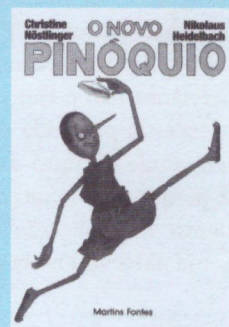
Suécia, além de manter o Prêmio para um(a) escritor(a) e um(a) ilustrador(a) de livros de literatura para crianças e jovens, também criou uma nova categoria a ser contemplada: as atividades voltadas para a **promoção da leitura**.

A FNLIJ, como seção brasileira do IBBY, está indicando a escritora Ana Maria Machado para o Prêmio Astrid Lindgren 2004. Também está indicando o Banco del Libro, da Venezuela, para receber o Prêmio na categoria das organizações voltadas para a promoção da leitura.

Vencedores do Prêmio Astrid Lindgren 2003 têm livros editados no Brasil.

Christine Nöstlingler:

- pela Editora do Brasil: *Mini banca a detetive; Mini é demais; Mini não é medrosa;*
- pela Martins Fontes: *O novo Pinóquio.*



Maurice Sendak

- pela Companhia das Letrinhas: *A visita do ursinho; O ursinho; Papai urso volta para casa; Onde estão as coisas selvagens?*



Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Angela Lago, Ricardo Azevedo, entre outros; sentada: Britt Erickson, membro do IBBY sueco, uma entusiasta da América Latina e, em particular, do Brasil, onde já esteve algumas vezes.

Na Stockholms Stadsbibliotek, uma mesa-redonda reúne, em primeiro plano: Sonja Svensson, Christine Nöstlingler, Judy Taylor Hough (editora de Maurice Sendak) e Larry Lempert.



Daniel Munduruku ganha o Prêmio Érico Vannucci do CNPq

O Prêmio Érico Vannucci Mendes foi criado em 1988 pela mãe de Érico Vannucci, Marta Vannucci, após o falecimento do filho, em 1986. Seu objetivo é dar continuidade ao trabalho de Érico em prol da cultura nacional.

Érico Vannucci Mendes participou ativamente dos movimentos culturais do país. O Prêmio em sua homenagem é considerado um estímulo aos pesquisadores que seguem o mesmo caminho trilhado por Érico.

A administração do Prêmio é feita pelo CNPq, pelo Ministério da Cultura (MinC) e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Anualmente, são premiadas pessoas que tenham realizado estudos e pesquisas sobre a cultura brasileira, no sentido da preservação da memória cultural das minorias étnicas e sociais,

Em julho de 2003, o escritor indígena Daniel Munduruku recebeu este prêmio durante cerimônia promovida pelo CNPq e pela SBPC, tendo sido home-

nageado por Marta Vannucci.

Na ocasião, Daniel Munduruku comentou que o índio sempre foi “objeto da ciência” e que agora ele precisa tornar-se “sujeito da ciência”, propondo a inclusão do conhecimento indígena na programação das Reuniões Anuais da SBPC. Para ele, é essencial disseminar cada vez mais a cultura indígena: “Sinto que estou abrindo caminho para que outros indígenas possam trilhar. E sinto também que estou trilhando o caminho que meus antepassados abriam”, declarou o autor do belíssimo *Meu vô Apolinário – Um mergulho no rio da (minha) memória*. (Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Studio Nobel, 2001).



Durante o 5º Salão do Livro para Crianças e Jovens, Daniel Munduruku conversa com as crianças no Espaço de Leitura FNLIJ

Trechos do discurso de Daniel Munduruku por ocasião da entrega do Prêmio Érico Vannucci Mendes

“Creio que não será preciso dizer da minha alegria por estar aqui, recebendo este reconhecimento. Não apenas por ser um escritor que ama este país e que quer dar sua contribuição ao seu desenvolvimento cultural, mas e especialmente, como indígena saído da floresta, e procurando cumprir uma promessa que um dia fiz sobre o túmulo de meu velho avô.

Dizia, naquela ocasião, que a sabedoria que dele havia herdado buscava lançar sobre o povo brasileiro, na tentativa inglória de fazer este nosso povo olhar para sua história e (re)encontrar suas raízes ancestrais, encontrar a si mesmo espelhado na face dos ancestrais indígenas.

É com esse espírito que tenho escrito meus livros, contado minhas histórias, participado do movimento indígena, desenvolvido meu pensamento.

É com esse mesmo espírito que me encontro diante deste público para dizer do meu orgulho de ser indígena, orgulho que me foi forjado pela dúvida, pela discriminação, pela exclusão que sofrem os mais de 200 povos indígenas que habitam a Terra Brasil. (...)

Os movimentos do saber indígena se fazem presentes também na literatura. E não começou comigo. E não irá parar em mim.

Se, por muitos anos, o indígena era apenas personagem dos contos, histórias e ficções do não-indígena, de um tempo para cá, ele passou a ser protagonista da história, da sua própria história. Ele começou a criar e a oferecer para os *pariwat*

seu próprio ponto de vista sobre a realidade que vive.

Ele passou a descrever o Brasil sob sua ótica. É claro que para isso teve que aprender os mecanismos utilizados pela sociedade envolvente, teve que usar a tecnologia a seu serviço, teve que, em alguns casos, cursar uma Universidade, participar de cursos, aprender a língua portuguesa e, sobretudo, aprender a escrever sua tradição oral na forma escrita, para que pudesse se fazer compreender por todos os cidadãos.

Este processo não foi tranquilo. Pelo contrário, em muitas ocasiões este autor deparou com a dúvida, com o medo, com a indecisão e com o receio de estar congelando a tradição, paralisando a dinâmica da oralidade.

E por mais que tentasse justificar, sempre deparava com a angústia e com a dificuldade de compreender um processo irreversível. Muitas das dúvidas eram levantadas por pessoas de grande conhecimento no pensamento quadrado ocidental. Estamos no bom caminho?

Não seria a literatura um meio de destruir a cultura? Não estaríamos antecipando a destruição de nossa gente?

Com todas estas questões em mente, voltei ao lugar onde me aceitei índio. Voltei à fonte. Fui ouvir o rio. Sentei-me no lugar onde um dia, meu avô colocou-me para aprender a escutar.

Lá, sozinho, fiz as mesmas perguntas ao velho avô e ouvi a mesma resposta de trinta anos atrás: se o rio parasse diante dos obstáculos, ele nunca contemplaria a beleza do mar.

Para mim, isso foi o bastante para convencer-me de que a literatura era um caminho novo a ser construído e que por ela poderia passar o movimento do saber literário, um braço novo do saber em movimento.

Desse dia em diante, nunca mais duvidei e descobri que estava abrindo uma picada na floresta da cidade para que outros parentes passassem, sempre seguindo as palavras da sabedoria da nossa gente que diz que o caminho mais seguro é aquele que já foi pisado muitas vezes... Mas é importante que se diga: alguém tem que começá-lo.

Ao estar aqui, hoje, neste evento de grande repercussão nacional e internacional, recebendo um prêmio pelo conjunto de minha pequena produção literária, sinto que estou criando um caminho para que outros parentes indígenas possam trilhá-lo também.

Penso, sobretudo, que estou trilhando um caminho que meus antepassados foram pisando, arando, desbravando, desmatando para que eu pudesse pisá-lo com segurança.

É a eles que dedico este prêmio... foram eles que me fizeram... são eles que me direcionam e são eles, sobretudo, que me inspiram e me dão o tom das palavras.”

5º Salão do Livro é inaugurado com sucesso de público e de mídia

Antes do fechamento desta edição do *Notícias*, o 5º Salão do Livro para Crianças e Jovens da FNLIJ teve sua abertura oficial no dia 11 de setembro, com grande repercussão na mídia. O Salão aconteceu de 12 a 21 setembro no Galpão de Artes do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, com patrocínio da BR Distribuidora e apoio da Companhia Suzano de Papel e Celulose e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Foram 46 estandes, uma biblioteca para crianças e outra para jovens, com três mil títulos



selecionados pela FNLIJ. Durante o evento, foram lançados mais de 70 livros.

O 5º Salão do Livro para Crianças e Jovens atendeu plenamente a seu principal objetivo, que é o de democratizar o acesso à literatura e promover a importância da leitura para a vida de todos.

Uma edição do *Notícias* sobre o 5º Salão do Livro já está sendo preparada, relatando todos os pontos de destaque deste evento, que já faz parte do calendário cultural do Rio de Janeiro.

Biblioteca

Neste número do *Notícias*, publicamos a 3ª parte da relação de 145 títulos, recebidos pelo CEDOP a partir de 04/04, após o fechamento da Seleção Anual FNLIJ 2002, até 29 de maio 2003. No próximo número, estaremos publicando a relação dos livros que chegaram após essa data.

SCIPIONE

A dama das Camélias. Alexandre Dumas. Adapt. Carlos Heitor Cony. Il. Laura Cardoso. • **Ben-hur.** Lewis Wallace. Trad. e Adapt. Sonia Rodrigues. Il. Rogério Soud. • **Ilíada.** Homero. Trad. Adapt. José Angeli. Il. Ivan Zigg. • **Iracema.** José de Alencar. Adapt. Renata Pallottini. Il. Maria Eliana Delarissa.

STUDIO NOBEL

Um quadro na parede e doce de abóbora no tacho: uma história para ler e saborear. Rosana Rios. Il. Ciça Fittipaldi.

THEX EDITORA

Romeu e Julieta: um romance na terceira idade. Júlio Emílio Braz. Il. P. Luiz Marasco.

UNESP MARÍLIA PUBLICAÇÕES

Dez anos do grupo PET. Ciências Sociais. Fátima Cabral (Org.).

VERUS

Você já viu um elefante espirrar?: um zoológico divertido, cheio de criaturas de Deus. Bernadette McCarver Snyder. Trad. Raissa Castro Oliveira. Il. Jim Richter.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, Casa Lygia Bojunga, CBL, Cia. das Letrinhas, Cosac & Naify, Cuca Fresca Edições, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora Bertrand Brasil, Editora Biruta, Editora do Brasil, Editora Franco, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercurio Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, IBEP - Companhia Editora Nacional, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Lucerna, L&PM Editores, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Revan, RHJ, Rocco, R. R. Donnelley, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Stúdio Nobel, Thex Editora.

EXPEDIENTE • Fotelito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Magda Frediani e Claudia Pinto • Diagramação: Arco

GESTÃO 2002-2005 • Conselho Curador: Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. Conselho Diretor: Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Laura Sandroni, Sônia Machado. Conselho Fiscal: Ana Lygia Medeiros, Henrique Luz e Terezinha Saraiva. Suplentes: Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Bia Hetzel, Daniel Feffer, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, Lília Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, Lúcia Jurema Figueirôa, Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Felte, Rogério Andrade Barbosa. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente *Notícias*.

Tel.: (0XX)-21-2262-9130
e-mail: fnlij@alternex.com.br
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@alternex.com.br